

O uso de processos em textos de relatórios administrativos do Prefeito Graciliano Ramos: um estudo à luz da LSF

The use of processes in administrative reports' texts of the Mayor Graciliano Ramos: a study based on LSF

Everaldo Lima de Araújo¹

Jordana Lenhardt²

Resumo: Objetiva-se, no presente estudo, refletir sobre os processos utilizados nos relatórios administrativos do então prefeito Graciliano Ramos, quando gestor municipal da cidade alagoana de Palmeiras dos Índios, à luz da teoria da Linguística Sistemico-Funcional (LSF) de Halliday. Os relatórios em análise (dois) foram os únicos produzidos pelo próprio Graciliano e ali já era possível vislumbrar um escritor (até então inédito). Esses relatórios foram escritos em 1929 e em 1930, referentes aos dois anos de mandato do prefeito Graciliano Ramos (1928 e 1929 respectivamente). O aporte teórico pautado na LSF toma como foco a metafunção ideacional da linguagem, a partir da variável do contexto campo, dentro do sistema de transitividade. A análise se deu a partir da discussão de

Abstract: The aim of this study is to reflect on the processes used in the administrative reports of the then mayor Graciliano Ramos, when City Manager of the Alagoas city of Palmeiras dos Índios, in the light of Halliday's Systemic-Functional Linguistic (LSF) theory. The reports under analysis (two) were the only ones produced by Graciliano himself and that point it was already possible to glimpse a writer (unpublished until then). These reports were written in 1929 and 1930, referring to Mayor Graciliano Ramos' two-year term in office (1928 and 1929 respectively). The theoretical contribution based on the LSF focuses on the ideational metafunction of language, based on the field context variable, within the transitivity system. The analysis was based on the discussion of processes used in these two reports,

¹ Doutor em Letras (Língua Portuguesa) pela UERJ. Tem experiência em áreas da Linguística, da Língua Portuguesa e da Literatura Infanto-Juvenil, atuando principalmente nos seguintes eixos: Linguística Textual, Estudos Discursivos e Ensino de Língua Portuguesa. É professor Adjunto IV da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). É Gerente de Desenvolvimento de Carreira, da Diretoria de Desenvolvimento de Pessoas (CDP), Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP). É também membro titular do Conselho Editorial da Editora da Universidade Federal de Rondonópolis (EdUFR).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3010-0021> E-mail: everaldo.araujo@ufr.edu.br

² Linguista, professora, perita judicial e grafotécnica. Atualmente, é professora da área de Linguagem no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico e Representante de Relações Internacionais no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT - Campus Rondonópolis), além de Professora Colaboradora da Linha 1 - Ensino de Linguagens e seus Códigos - no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino (PPGen IFMT/UNIC). Possui estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Direito, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Participa como membra da REDEJUR (Rede de Estudos do Discurso) - ALED - Associação Latino-americana de Estudo do Discurso. É doutora em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestra em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Tem realizado estudos envolvendo a Análise Crítica do Discurso (ACD), a Análise Crítica do Discurso Jurídico (ACDJ) e a Linguística Sistemico-Funcional (LSF), aplicadas a contextos de ensino de línguas, contextos de situação de risco social e contextos forenses (Linguística Forense).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1049-4756> . E-mail: jordana.uerj@gmail.com

processos utilizados nesses dois relatórios, referendada pela proposta teórico-metodológica calcada nos princípios da LSF, sob a égide de um estudo qualitativo, de base interpretativista. As análises revelaram um dizer peculiar do autor dos relatórios, para além do objetivo do gênero analisado. Os usos dos processos destacados mostraram duas estratégias na escrita do autor alagoano: i) busca se resguardar de críticas quanto à sua gestão; ii) mostra-se crítico quanto a gestos de pessoas ligadas à gestão atual e de anteriores, funcionando como uma espécie de denúncia. Entende-se, portanto, que os escritos analisados, embora pressuponha uma escrita mais técnica, aproximam-se mais dos moldes da escrita literária, graças à habilidade escritora presente, sem se descuidar, contudo, do objetivo do gênero em questão.

Palavras-chave: Graciliano Ramos. Relatório administrativo. Metafunção ideacional. Sistema de transitividade. Processos. LSF.

endorsed by the theoretical-methodological proposal based on the principles of the LSF, under the auspices of a qualitative study, with an interpretive basis. The analyzes revealed a peculiar saying from the author of the reports, beyond the objective of the analyzed genre. The uses of the highlighted processes showed two strategies in the Alagoan author's writing: i) he seeks to protect himself from criticism regarding his management; ii) is critical of the gestures of people linked to the current and previous management, functioning as a type of denunciation. It is understood, therefore, that the writings analyzed, although presupposing a more technical writing, come closer to the molds of literary writing, thanks to the writing skill present, without neglecting, however, the objective of the genre in question.

Key words: Graciliano Ramos. Administrative report. Ideational metafunction. Transitivity system. Processes. LSF.

Recebido em: 29/12/2025

Aceito em: 29/04/2026



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Introdução

Parece-nos consenso afirmar que usamos a linguagem para atender às nossas necessidades como seres sociáveis. Ao atentarmos para a comunicação por meio da linguagem, visando à interação, fazemos isso impondo nossos desejos, visto que ninguém diz/escreve algo pelo simples ato de dizer/escrever: ou seja, ao interagirmos pela linguagem, partimos do princípio de que tal ato se estabelece por propósito(s) (in)consciente(s) de quem comunica, logo, busca a interação. Isso se deve, *a priori*, pelo fato de todo uso linguístico estar inserido em um dado momento sócio-histórico-cultural que cria as condições viáveis para esse uso linguístico se estabelecer como uma prática comunicativa possível e reconhecida/reconhecível.

A linguagem, segundo a Linguística Sistemico-Funcional de Halliday, deve ser vista como um potencial de significados organizados em redes de escolhas que correspondem as suas funções básicas, em outras palavras, para Gouveia (2009, p. 15), “enquanto (sic) potencial de significado, a língua se organiza em torno de redes relativamente independentes de escolhas e [...] tais redes correspondem a certas funções básicas da linguagem”. Assim, existe um projeto de

dizer que respalda todo uso da linguagem. Na verdade, poderíamos entender que há dizeres mais bem elaborados, melhor planejados, que dão possibilidade de as escolhas desses dizeres acontecerem de modo mais consciente, sobretudo em textos de natureza escrita, que permitem maior reflexão acerca do fazer operacional da linguagem.

Os dizeres (frutos de um projeto de dizer), produzidos a partir de escolhas do universo linguístico de quem os produz, ao serem utilizados, buscam estabelecer significados, pois

os significados que queremos “fazer” ou transmitir ajudam a configurar os recursos linguísticos. Mas os significados que podemos querer fazer são fortemente dependentes de aspectos contextuais, para além de que uma parte importante quer da nossa capacidade quer da nossa habilidade linguísticas (sic) é o conhecimento que temos de como as coisas são típicas ou obrigatoriamente ditas em certos contextos (Gouveia, 2009, p. 25).

Desse modo, a operacionalização consciente dos recursos de que a língua dispõe e o conhecimento dos efeitos e do repertório linguístico funcionam como um dispositivo necessário para dar conta do propósito comunicativo, tendo em vista as necessidades do dizer e em razão das expectativas dos interlocutores. Ademais, o pesquisador português chama a atenção para a questão do contexto³. Num primeiro momento, a produção de enunciados leva em conta, necessariamente, o contexto situacional, que remete aos fatores que orientam o modo como organizamos o dizer, visando à produção do significado. Segundo Firth (*apud* Gouveia, 2009, p. 25), “o significado é mais bem entendido desta forma como um complexo de relações de vários tipos entre os termos componentes de um contexto de situação”. Assim, o todo que organiza os enunciados faz parte das escolhas coerentes e necessárias para o projeto de dizer do enunciador, calcado nos princípios que cerceiam dado gênero (e, por extensão, o entorno sociocultural de sua produção). É esse todo que vai estabelecer, quando da interação, a produção de sentidos.

Dado o exposto, os gêneros⁴, como manifestações concretas de uso da linguagem, revelam natureza utilitária, pois todo uso linguístico visa ao desempenho de um papel pragmático ativo no comportamento humano, conforme já salientado por Malinowski (1966 [1935]). Além disso, para esse pensador, “o discurso [...] não tem sentido sem o contexto da atividade em que está envolvido (Malinowski, 1966 [1935], p. 8). Logo, torna-se imprescindível a observância ao contexto de situação, a fim de realizar as escolhas necessárias para se dizer o que se pretende dizer, ao mesmo tempo que todo o projeto do que se pretende dizer deve estar em consonância

³ Halliday (1978) estabelece importante distinção entre dois tipos de contextos, que serão destacados neste estudo: contexto de situação e contexto de cultura. Discutiremos esses conceitos mais adiante. Por ora, ressaltamos que o contexto está diretamente ligado ao texto, criando as condições necessárias para seu reconhecimento e funcionalidade.

⁴ Levando em conta o propósito deste trabalho, não discutiremos o conceito de gênero. Mais adiante falaremos brevemente sobre o gênero em estudo – relatório administrativo. Por ora, convém apenas destacar que a concepção de gênero aqui utilizada se pauta em Bakhtin (2000), para quem os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados e que atendem a propósitos comunicativos específicos.

com a propositura do gênero. Nunca é demais ressaltar que toda forma de linguagem deve ser entendida em seu contexto, tendo por função produzir efeitos práticos, pois o verdadeiro fato linguístico é o uso linguístico em seu contexto, entendido em seu sentido amplo.

A partir dessas considerações e entendendo que o uso que se faz da língua tem uma funcionalidade própria, consonante com os propósitos de quem a utiliza, objetivamos refletir sobre processos utilizados nos relatórios administrativos do então prefeito Graciliano Ramos, quando prefeito da cidade alagoana de Palmeiras dos Índios, à luz da teoria da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday.

Os dois relatórios em análise foram os únicos produzidos pelo próprio Graciliano Ramos e, nesses textos, já era possível vislumbrar um escritor (até então inédito), conforme estudos de Falleiros (2008) e Araújo (2017). A peculiaridade quanto ao trato com a língua chamou tanto a atenção do governador de Alagoas na época que ecoou por várias partes do país. Os relatórios a serem analisados foram produzidos em 1929 e 1930 e se referem a dois anos de mandato do prefeito Graciliano Ramos (1928 e 1929 respectivamente). Após esse período, o autor de *Caetés* veio a deixar seu cargo na prefeitura, dada a sua insatisfação com a vida pública.

Na sequência, discutimos o gênero *relatório administrativo*, bem como particularidades do gênero em estudo.

Gênero *relatório administrativo* e a questão dos relatórios de Graciliano Ramos

Para toda prática de uso da língua, há sempre princípios que regem a organização linguístico-textual pertinente daquilo que falamos ou escrevemos. No contexto administrativo, por exemplo, particularmente no tocante à prática de gêneros escritos, os textos requerem do falante/escritor uma redação mais técnica. Segundo Garcia (1992), os princípios básicos [da redação técnica] em que se assenta são os mesmos de qualquer tipo de composição (clareza, correção, coerência, ênfase, objetividade, ordenação lógica etc.), embora sua estrutura e seu estilo apresentem algumas características próprias (Garcia, 1992, p. 386).

Logo, ao tomarmos, por exemplo, um gênero da área administrativa, que faz uso da redação técnica, espera-se um trato de uso da língua de modo a contemplar aspectos próprios desse tipo de redação, conforme salientado. Um dos gêneros comuns dessa área é o relatório administrativo. Mais uma vez recorremos a Garcia para definir esse gênero:

O relatório é um dos tipos mais comuns de redação técnica, dada a variedade de feições que assume: muitos artigos publicados em revistas científicas, muitos papéis que circulam em repartições públicas ou empresas privadas, contendo informações sobre a execução de determinada tarefa ou explanação circunstanciada de fatos ou ocorrências, pesquisas científicas, inquéritos e sindicâncias, nada mais são do que relatórios. É verdade que só recebem essa designação aqueles documentos que apresentam certas características formais e estilísticas próprias: título, “abertura” (origem, data, vocativo, etc.) e

“fecho” (saudações protocolares e assinatura). Algumas vezes, consiste numa exposição rápida e informal de caráter pessoal; outras, assume formas mais complexas e volumosas, como os relatórios de gestão, quer do serviço público quer de empresas privadas (Garcia, 1992, p. 393).

Pelas palavras de Garcia, reforça-se a ideia de organização própria em que o gênero deve se pautar, atendendo aos seus propósitos comunicativos inerentes. Martins e Zilberknop (2004) acrescentam dados a essa visão, ao afirmarem que

relatório é o documento através (sic) do qual se expõem os resultados de atividades variadas.

O relatório assume, a cada dia que passa, maior relevo na administração moderna, porque é impossível para um administrador ou um técnico, em cargo executivo, conhecer e acompanhar pessoalmente todos os fatos, situações e problemas que, por seu vulto, devam ser examinados. Para redigir um bom relatório, não basta alinhar os fatos. Ele deve ser objetivo, informativo e apresentável.

O relatório constitui um reflexo de quem o redige, pois espelha sua capacidade (Martins; Zilberknop, 2004, p. 246).

Podemos ressaltar, a partir desse trecho, duas questões: a importância e as características relevantes para se produzir o gênero relatório. Além da sua importância, visto sua funcionalidade, seu modo de dizer deve contemplar o seu propósito de forma a se fazer compreendido, graças aos princípios da objetividade, da informatividade e da apresentabilidade. Todavia, os relatórios administrativos de Graciliano Ramos apresentam peculiaridades merecedoras de uma reflexão linguística, como a que ora apresentamos. Conforme mencionamos, os relatórios em epígrafe chamaram a atenção, inicialmente, do governador do estado de Alagoas na época, chegando ao conhecimento de muitas pessoas, inclusive do poeta e editor Augusto Frederico Schmidt⁵, que veio a introduzir o escritor alagoano no círculo literário, a partir da publicação de *Caetés*.

Marcuschi, ao discutir questões de gêneros textuais, trata os relatórios de Graciliano Ramos como um caso de intergenericidade. Para esse pesquisador, a intergenericidade diz respeito ao aspecto de hibridização ou mescla de gêneros, em que um gênero assume a função de outro. Dessa feita, o caso em particular do gênero relatório administrativo em enfoque trata-se de

um texto que não perde sua função, mas assume um novo lugar, ou seja, migra, ao longo da história, de um domínio (política) para um outro (literatura), sem deixar de continuar sendo um relatório. Trata-se de um movimento histórico que se dá pela funcionalidade do gênero e pela particular situação de seu autor. Não é comum os textos procedam a essa migração (Marcuschi, 2008, p. 169).

Essa particularidade do dizer de Graciliano Ramos, ao (re)trabalhar um gênero

⁵ Conforme consta em apresentação dos relatórios feita pelo neto de Graciliano Ramos, Ricardo Filho, por ocasião de sua publicação pela EntreLivros (Ramos, s/d).

prototípico, causa estranheza no receptor do texto, todavia não deixa de lado seu propósito. O fato de ele se utilizar de uma linguagem mais “colorida”, mais inventiva, não o distancia do objetivo de tê-lo escrito. Talvez ele tenha tido consciência de que a redação técnica, sendo

necessariamente objetiva quanto ao ponto de vista, mas uma objetividade completamente desapaixonada torna o trabalho de leitura penoso e enfadonho por levar o Autor a apresentar os fatos em linguagem descolorida, sem a marca da sua personalidade (Garcia, 1992, p. 386).

Assim, temos um gênero “reinventado”, no qual o falante/escritor considera seu propósito, mas o apresenta a partir da personalidade autoral na sua produção. Acreditamos, todavia, que essa particularidade não seja gratuita. O ato de dizer não é ingênuo, não é neutro. Pelo contrário, o dizer é implicado por valores, propósitos, crenças, jogos ideológicos. Nesse sentido, acreditamos que esse “desvio” de Graciliano Ramos tenha um porquê, não se revelando uma mera questão de estilo. Acreditamos ainda que o aporte teórico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday possa nos permitir compreender certos propósitos nos dizeres do relatório, particularmente tomando por base a metafunção ideacional.

Assim, na sequência, apresentamos conceitos e classificações pertinentes acerca da LSF, em particular, da metafunção ideacional/experiencial.

A Linguística Sistêmico-Funcional e a metafunção ideacional

O princípio básico da perspectiva sistêmico-funcional entende que “a linguagem é um recurso para fazer e trocar significados, utilizada no meio social de modo que o indivíduo possa desempenhar papéis sociais” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 21). Podemos dizer que a Linguística Sistêmico-Funcional é caracterizada por ser uma gramática de base paradigmática, na qual o componente semântico assume importância central. Nesse sentido, a linguagem é utilizada com propósitos definidos pelo seu usuário, levando-se em conta funções que ela pode desempenhar para atender às necessidades comunicativas do falante. Em outras palavras, “a linguagem é, então, um modo de agir, de dar e solicitar bens e serviços e informações” (id. *ibid.*, p. 21).

Nesse sentido, de acordo com Lenhardt (2022), a linguagem é vista como “instrumento de ação” social ou “um modo de agir” socialmente. A autora defende que, segundo a Linguística Sistêmico-Funcional, nós agimos por meio da língua fornecendo e/ou solicitando informações, bens e serviços. É essa a razão para essa teoria ser nomeada sistêmico-funcional. Ela é funcional por considerar o papel/função da língua e é sistêmica por ver a língua como um sistema de escolhas, como um recurso, para a realização do significado.

Dito isso, ao tomarmos os relatórios de Graciliano Ramos, salientando suas características peculiares no trato quanto ao uso da linguagem, devemos entender a proposta-base

do gênero, própria dele, mas também as nuances de significados que essas particularidades podem dizer. Ademais, é importante destacar que esse princípio funcional dos gêneros de um modo geral, dos dizeres socialmente partilhados passíveis de sentidos, dá-se graças às escolhas linguístico-gramaticais de seus produtores (falantes/escritores). Essas escolhas revelam posições próprias de seus produtores, não só no campo do constructo linguístico, mas no das implicações de significados desse constructo.

Segundo Halliday e Mathiessen (2004), o uso da linguagem vai se materializar em textos. Para esses pesquisadores, o texto, entendido como qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, faz sentido a alguém que conhece a linguagem. Logo, além de ser um dizer em si mesmo é também uma forma para se alcançar um dado objetivo.

Os textos, que materializam a linguagem, dão-se, por sua vez, dentro de contextos específicos, a partir de dois tipos (Halliday, 1978). O contexto mais restrito, chamado de contexto de situação, refere-se ao contexto imediato (ambiente) no qual o texto está funcionando. Já o segundo, o de cultura, associa-se a práticas mais amplas, em consonância com práticas socioculturais que incluem ideologia, convenções sociais e instituições. Graças à relação dialética entre texto e contexto, podemos antecipar informações em um dado texto, encaminhar significados e construir imagens e representações.

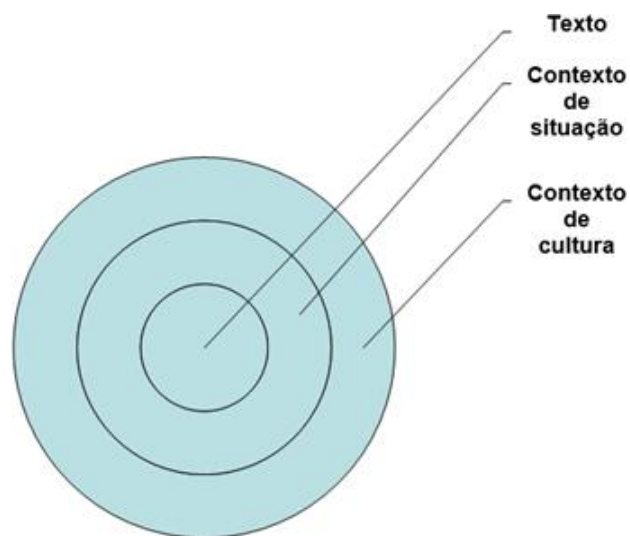


Figura 1 – Texto em contexto.

Fonte: Adaptado de Fuzer e Cabral, 2014, p. 26.

A relação do texto com os contextos (de situação e de cultura) se dá pela inter-relação existente entre eles, pois o modo como o texto é produzido é reflexo dos contextos aos quais se relaciona. Os contextos são, assim, condições que asseguram a produção do texto no modo como é e para que é produzido. Nesse sentido, ao tomarmos os relatórios em análise (texto), percebemos que o contexto de situação respalda toda a organização linguística utilizada pelo falante/escritor para assegurar o modo de dizer. As escolhas, os modos e os tópicos de operacionalização da

linguagem se referem a esse contexto imediato, do qual o escritor alça mão. Se tomarmos isoladamente o arranjo linguístico peculiar utilizado por Graciliano Ramos, poderíamos entender a produção textual simplesmente como um texto mais literário e menos técnico. Todavia, ao tomarmos o contexto de cultura em que se deu a produção do texto, entendemos que, ainda que portando as peculiaridades do dizer (que se aproxima do texto literário), trata-se de um texto que cumpre sua função social, seu projeto primário: prestar contas da administração de Palmeiras dos Índios. Assim, temos a noção de gênero associada ao contexto de cultura, destacando-se assim, a funcionalidade do texto. Nesse sentido, os estudos de Halliday orientam que:

para compreendermos adequadamente um texto, o conhecimento do contexto de situação pode não ser suficiente. É preciso haver também informações acerca da história cultural dos interactantes e dos tipos de práticas em que estão engajados. Assim, contexto de cultura é outra noção que, associada ao contexto de situação, torna-se fundamental para a compreensão de um texto (Fuzer; Cabral, 2014, p. 28).

Dito isso, compreendemos que, na concepção hallidayana, segundo apontam Fuzer e Cabral (2014), o contexto de situação é descrito por meio de um modelo conceitual formado por três variáveis: *campo*, *relações* e *modo*. A variável *campo* diz respeito à atividade realizada pelos participantes, à natureza da ação social que ocorre, a partir de objetivo específico. Quanto à variável *relações*, abarca os participantes, a natureza dos papéis que desempenham, o grau de controle de um participante sobre o outro, a relação e a distância social ou o grau de formalidade entre eles. Já a variável *modo* associa-se à função que a linguagem exerce, ao veículo utilizado na situação ou ao que os participantes esperam que a linguagem faça por eles em determinada situação.

Destacamos, então, que, nessa perspectiva, a linguagem desempenha três funções básicas subjacentes denominadas “metafunções”, quais sejam: Ideacional, Interpessoal e Textual. Essas três metafunções nascem das condições contextuais em que o discurso acontece. Observe o quadro seguinte:

Quadro 1 – Registro, metafunções e realizações léxico-gramaticais.

<i>Registro</i>		<i>Realização na Metafunção</i>	<i>Realizações Léxico-gramaticais</i>
<i>Campo</i>	Atividade / objetivo / finalidade	Ideacional	Transitividade
<i>Relações</i>	Participantes / distância social	Interpessoal	Modo e Modalidade
<i>Modo</i>	Linguagem / canal	Textual	Tema e Rema

Fonte: Elaborado a partir de Halliday e Matthiessen, 2004.

Essas variáveis de contexto de situação, como pudemos perceber nos excertos analisados, dão-se a partir de determinados elementos linguísticos presentes no texto. Halliday (1994) postula que essas variáveis se relacionam intrinsecamente às funções desempenhadas pela linguagem, às quais ele chama de “metafunções”. Assim, as metafunções “são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual)” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 32). Cada uma dessas metafunções associa-se a uma variável do contexto de situação.

Para a Linguística Sistemico-Funcional, todo texto é multidimensional, em razão de possibilitar a realização simultânea das três metafunções ou três tipos de significado (ideacional, interpessoal e textual) presentes em qualquer uso da linguagem.

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), a *metafunção ideacional* realiza-se por duas funções distintas: experiencial e lógica. Enquanto a experiencial se liga ao modo de representação de mundo, tendo como unidade de análise a oração, a lógica se responsabiliza pelas combinações de grupos lexicais e oracionais, tendo como unidade de análise o complexo oracional. Ao analisar a oração, o sistema considerado é chamado de Sistema de Transitividade, pois abarca a construção da experiência por meio de processos, participantes e circunstâncias. Nesse caso, a oração é tomada como representação.

Já a *metafunção interpessoal* apresenta como sistema o MODO, que diz respeito ao recurso gramatical utilizado para promover a interação entre os participantes (Halliday; Matthiessen, 2004). Essa metafunção considera como elementos constitutivos da oração: Sujeito, Finito, Complemento, Predicador ou Adjunto. A oração é tomada como troca de informações ou de bens e serviços.

Quanto à *metafunção textual*, temos a situação em que a oração é tida como mensagem e se realiza a partir de um Tema acompanhado de um Rema (nessa ordem), conforme propuseram Halliday e Matthiessen (2004). Nessa metafunção, o Tema funciona como ponto de partida da mensagem, sendo o que localiza e orienta a oração dentro do seu contexto. Para esses linguistas, a variável contextual *modo* tende a determinar as formas de coesão, os padrões de voz e temas, as formas dêiticas e a continuidade léxico-lógica.

Abaixo segue uma síntese do exposto.

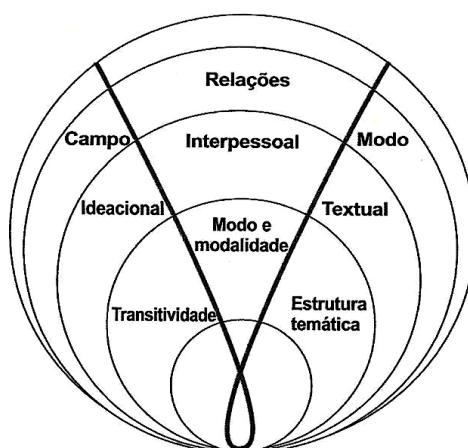


Figura 2 – As três metafunções e os sistemas léxico-gramaticais que as realizam.

Fonte: Fuzer e Cabral, 2014, p. 33.

É importante salientar que o êxito da interpretação funcional de uma dada estrutura gramatical é a multifuncionalidade, isso porque os componentes da oração podem ser interpretados sob enfoques variados, estando associados a três tipos de significado, que, por sua vez, estão sistematicamente relacionados, ao mesmo tempo, a um mesmo item gramatical. A partir do propósito do investigador, podem-se dar enfoques diferentes à análise. Para aquilo que pretendemos neste estudo, interessa-nos discutir questões ligadas à metafunção ideacional, o que faremos na sequência.

Metafunção ideacional/experiencial

Segundo Gouveia (2009, p. 15), “a linguagem serve para expressarmos conteúdo, para darmos conta da nossa experiência do mundo, seja este real, exterior ao sujeito, seja este o da nossa própria consciência, interno a nós próprios”. Nesse sentido, a metafunção ideacional da linguagem representa o componente experiencial, na medida em que o usuário da língua revela suas experiências do mundo material ou do mundo interior. Para dar conta da materialização linguística dessas experiências, são utilizados elementos léxico-gramaticais que constroem significados experienciais associados com o que se faz no mundo: a variável do contexto *campo*. O sistema gramatical por meio do qual se manifestam os significados experienciais é chamado de Sistema de Transitividade.

De acordo com os postulados da LSF, “a transitividade é um sistema de descrição de toda a oração, a qual se compõe de processos, participantes e eventuais circunstâncias” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 40). Nessa perspectiva, a transitividade estabelece a relação entre componentes, formando uma figura, que se constitui de um processo e participante(s), podendo também ter a associação de possíveis circunstâncias. Com isso, constrói-se a figura de um *quem faz o quê* (em

algum lugar, algum momento, de algum modo, por algum motivo etc.). Essas figuras são meros significados produzidos por essas relações, constituídos pela configuração de *processo* + *participante* do “centro experiencial da oração” (Halliday; Matthiessen, 2004, p. 176).

A fim de ilustrarmos essa relação dos componentes, tomemos o quadro síntese abaixo, extraído de Fuzer e Cabral (2014).

Quadro 2 – Componentes da oração.

Componentes	Definição	Categoria gramatical típica	Exemplo
<i>Processo</i>	É o elemento central da configuração, indicando a experiência se desdobrando através do tempo.	Grupos verbais	A mãe mata o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.
<i>Participantes</i>	São as entidades envolvidas – pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados –, as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele.	Grupos nominais	A mãe mata o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.
<i>Circunstância</i>	Indica, opcionalmente, o modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra.	Grupos adverbiais	A mãe mata o recém-nascido, durante o parto ou logo após, sob a influência do estado puerperal.

Fonte do exemplo: alegações finais da defesa de um Processo Penal, fl. 106. Com base em Halliday e Matthiessen 2004).

Fonte: Fuzer e Cabral, 2014, p. 41.

Levando em conta os propósitos deste estudo, daremos destaque aos processos. Segundo Fuzer e Cabral (2014), pautadas nos postulados de Halliday e Matthiessen (2004),

processos representam eventos que constituem experiências, atividades humanas realizadas no mundo; representam aspectos do mundo físico, mental e social. Como os processos são realizados tipicamente por verbos, a ideia de mudança perpassa a noção de processo – o falante ou escritor escolhe marcar a ideia de mudança ou não. No nível da gramática, a figura consiste numa sequência de configurações de processos (como núcleo) com, pelo menos, um participante inerente e, opcionalmente, circunstâncias (Fuzer; Cabral, 2014, p. 41-2).

Entendemos que as escolhas dos processos utilizados por um indivíduo possam revelar propósitos específicos dentro do texto, de forma explícita ou de forma mais sutil. Os processos desencadeiam papel determinante na construção da figura e, por conseguinte, na produção dos significados.

As autoras mencionadas, respaldadas novamente em Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), apresentam a classificação dos tipos de processo. Há três tipos de processos principais pelos quais o indivíduo representa suas experiências: materiais, mentais e relacionais.

Há ainda mais três tipos de processos, secundários, que se dão na fronteira dos principais: existencial, verbal e comportamental.

Tomemos os seis tipos de processos:



Figura 3 – Tipos de processos nas orações.

Fonte: Elaborado a partir de Halliday e Matthiessen, 2004.

Os três tipos de processos principais (materiais, mentais e relacionais) podem ser resumidamente entendidos (Fuzer; Cabral, 2014):

- a) os *processos materiais* realizam a representação da experiência externa (ações e eventos), como fazer, construir, acontecer;
- b) os *processos mentais* realizam a representação da experiência interna (lembranças, reações, reflexões, estados de espírito), como lembrar, pensar, imaginar, gostar, querer;
- c) os *processos relacionais* realizam a representação das relações (identificação e caracterização), como ser, estar, parecer, ter.

Quanto aos três tipos de processos secundários (comportamentais, verbais e existenciais), que atuam na fronteira dos principais, tomemos a seguinte síntese (id. ibid.):

- d) os *processos comportamentais*, situados entre os materiais e os mentais, realizam a representação de comportamentos (manifestação de atividades psicológicas ou fisiológicas do ser humano), como dormir, bocejar, tossir, dançar;
- e) os *processos verbais*, situados na fronteira entre os mentais e os relacionais, realizam a representação de dizeres (atividades linguísticas dos participantes), como dizer, responder, afirmar;
- f) os *processos existenciais*, situados entre os relacionais e os materiais, realizam a representação da existência de um participante (o “estar no mundo”), como existir, haver.

Salientamos que não existe hierarquia, sobreposição de um processo sobre o outro, mas uma continuidade. Devemos levar em conta ainda o princípio de que o sistema se baseia na indeterminação sistemática (Halliday; Matthiessen, 2004). Isso nos permite entender que existe uma relatividade no sistema, incluindo identificação dos tipos de processos, ou seja, na representação da figura. O que determina a devida compreensão dos processos no sistema é o contexto e as relações semânticas operadas.

Feitas essas considerações teóricas, passemos à análise de processos nos relatórios em enfoque, observando o que as escolhas do escritor modernista revelam em termos de significado.

A análise de processos nos relatórios administrativos sob a égide da LSF na metafunção ideacional

Conforme mencionado, o *corpus* analisado é constituído de dois relatórios administrativos redigidos por Graciliano Ramos quando da sua gestão frente à prefeitura de Palmeira dos Índios (Alagoas), nos anos de 1928 e 1929 (Ramos, s/d; 1994). Esses relatórios foram elaborados em janeiro dos anos de 1929 e 1930, referentes, respectivamente, aos dois únicos anos de mandato do então prefeito, que veio, após esse período, a deixar o cargo. Naquela época, era de praxe os prefeitos elaborarem tais relatórios e remetê-los ao governador do Estado, como forma de prestação de contas.

A análise que se segue dar-se-á a partir da discussão de processos utilizados nos dois relatórios, referendada pelo aporte teórico da LSF, na metafunção ideacional, conforme proposto por Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004) e adaptado à língua portuguesa por Fuzer e Cabral (2014). Para darmos conta dessa reflexão, pautamo-nos em um estudo de base qualitativa, visto que

uma pesquisa qualitativa requer um contato direto com o fenômeno pesquisado, seu objeto se constrói não apenas a partir de um *corpus*, por vezes restrito, de relatórios de pesquisas cujos resultados são verificados e confirmados, mas também a partir de um conjunto de textos que tecem como uma tela de ressonância em torno do objeto (Deslauriers; Kérisit, 2014, p. 135).

Desse modo, na proposta que aqui se desenha, esse olhar para a escolha dos processos utilizados na escrita dos relatórios de Graciliano Ramos pode revelar, para além dos significados, um dizer peculiar ali presente. E esse dizer, assim, nos possibilita “enxergar” nesses textos, para

além de uma simples prestação de contas de um gestor municipal, o grande autor literário que viria a se constituir.

Resultados e discussão

A análise apresentada a seguir, baseada na LSF e, portanto, na definição de língua como “um recurso para criar significados, e o significado reside em padrões sistêmicos de escolhas” (Halliday; Matthiessen, 2004), discutirá as escolhas dos processos em relatórios de Graciliano Ramos, separado e particularmente, destacando e analisando aqueles casos que, considerados os contextos de produção desses textos, parecem suscitar peculiaridade na forma de dizer para um gestor municipal.

Salientamos, ainda, que não temos a pretensão de exaurir a análise dos excertos, mas discutir casos determinados e específicos de processos utilizados por Graciliano Ramos nesses textos/relatórios. Esse breve inventário das escolhas de processos pode apontar o modo peculiar de produção escrita e organização textual que esse autor utilizava em seus textos já nos anos de 1929 e 1930, considerando-se que sua carreira literária somente veio a se consolidar a partir de 1933, com o Romance *Caetés*.

O primeiro relatório (1929)

Logo no início desse relatório, Ramos dirige-se ao governador, encaminhando as prestações de contas do seu primeiro ano de mandato, conforme transcrevemos:

(01) Trago a V.Exa. um resumo dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Palmeira dos Índios em 1928.

Não foram muitos, que os nossos recursos são exíguos. Assim minguados, entretanto, quase insensíveis ao observador afastado, que desconheça as condições em que o Município se achava, muito me custaram (Ramos, 1994⁶, p. 37).

Ao fazer o encaminhamento desse primeiro relatório, o autor/escritor do texto, construindo uma imagem de preservação de face em decorrência das dificuldades enfrentadas no seu primeiro ano de gestão, busca justificar, de antemão, possíveis críticas pela “pouca” produtividade administrativa, resultante das descrições a serem apresentadas no relatório. Após

⁶ Todos os fragmentos dos dois relatórios neste estudo serão tomados de Ramos (1994). Desse modo, ao utilizarmos excertos deles, faremos menção somente ao número da página de onde foram extraídos.

dirigir-se ao governador e falar dessas dificuldades, o prefeito faz questão de utilizar, ao final, o *processo* **custar** com o sentido de *ser algo difícil, penoso*. Trata-se de um processo mental – emotivo –, pois revela reações do falante/escritor do texto, que, no caso em questão, é o Experienciador, expondo suas emoções (ao mesmo tempo que faz uma avaliação) e se protegendo de eventual julgamento por improdutividade. O uso desse tipo de processo traz o que é pensado (e sentido pelo escritor do texto) à consciência do leitor: no caso em questão, de forma imediata, o governador, e, de modo geral, qualquer indivíduo que venha a ler o relatório. Por sua vez, esse destinatário imediato pode compactuar com o sentimento intencionado por Ramos, tendo um olhar menos crítico quando da análise dos relatos produzidos.

Tomemos o seguinte excerto:

(02) Havia em Palmeira dos Índios inúmeros prefeitos: os cobradores de impostos, o Comandante do Destacamento, os soldados, outros que **desejassem** administrar (p. 37).

Ao utilizar o processo **desejar**, o autor faz uso de um processo mental desiderativo, cujo Experienciador são *outros*, e um novo processo material *administrar*, como uma oração projetada. O uso desse processo evidencia o quão difícil era administrar aquela cidade à época, tendo em vista que pela escolha desse processo o falante/escritor exprime desejo, vontade e interesse de outros atores em querer “agir como prefeito”, causando a Ramos dificuldades administrativas. Ao pôr em destaque esse tipo de processo, bem como o seu Experienciador, logo no início do relatório, o falante/escritor do texto também se respalda quanto à possível crítica referente ao trabalho realizado, pois ele transfere o foco para esse empecilho em sua gestão.

Logo na sequência do excerto anterior, temos:

(03) Para que semelhante anomalia desaparecesse, **lutei** com tenacidade e encontrei obstáculos dentro da Prefeitura e fora dela (...) (p. 37).

Nesse trecho, temos em destaque o processo material **lutar**, tendo como Ator o próprio escritor do texto – o prefeito Graciliano Ramos. Levando em conta todos os obstáculos apontados inicialmente pelo prefeito, no tocante ao primeiro ano de mandato de sua administração (conforme fragmentos anteriores), podemos dizer que a escolha por esse processo revela uma atitude, um comprometimento por parte dele, no intuito de reverter a situação desfavorável encontrada na prefeitura de Palmeira dos Índios. Ademais, salientamos ainda que o uso desse processo remete ao campo semântico de *batalha*, reforçando o sentido de esforço empreendido para lidar com um conflito instaurado.

Vejamos o fragmento abaixo:

(04) Dos funcionários que encontrei em janeiro do ano passado restam poucos. Saíram os que faziam política e os que não faziam coisa nenhuma. Os atuais não se metem onde não são necessários, cumprem as suas obrigações e, sobretudo, não **se enganam** em contas. Devo muito a eles (p. 38).

O processo em destaque – **enganar-se** –, tomado usualmente, é um processo mental cognitivo: *enganar alguém*. Todavia, ao tomarmos essa escolha de processo dentro do contexto imediato, vamos perceber que ele é utilizado como processo material, revelando ação polarizada – *não* –, cujo Ator são *os atuais funcionários*, tendo como Meta *si mesmos*. Essa mudança de foco do tipo de processo autoriza-nos a entender que, uma vez sendo compreendido como material, esse processo, utilizado ironicamente, destaca a suposta prática de “enganos escusos” de ex-funcionários, corroborando o julgamento realizado inicialmente por Graciliano Ramos.

Observemos a particularidade do processo no trecho a seguir:

(05) No cemitério **enterrei** 189\$000 – pagamento ao coveiro e conservação (p. 39).

Nesse trecho, podemos observar o uso do processo **enterrar**, fazendo referência ao gasto realizado com o cemitério do município. Trata-se de um processo material transformativo, pois implica um fazer, dado o significado de *gastar* ali presente. Mais uma vez temos o Ator sendo o escritor do relatório (eu), o que é muito frequente ao longo do texto. A escolha do processo em questão no lugar de *gastar*, que seria o mais plausível/esperado, revela um jogo de significados pretendido pelo escritor. Nas orações transformativas, como essa, “o resultado é a mudança de algum aspecto de um participante já existente” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 47), no caso em questão, o valor gasto. Desse modo, ao usar esse processo, metaforicamente, o falante/escritor do texto “brinca” com itens lexicais e processos que tipicamente são relacionados a um contexto de cemitério e os seus significados, pautando-se em uma metáfora, mas ressaltando a ação relacionada ao seu labor frente à prefeitura.

Analisemos o excerto seguinte:

(06) Os escrivães do júri, do cível e da polícia, o delegado e os oficiais de justiça **levaram** 1:843\$314 (p. 39).

Mais uma vez, temos peculiaridade no uso do processo material em destaque –**levar** –, não somente como um movimento de afastamento espacial de algo do falante/escritor. É necessário considerar que, prototipicamente, encontramos na esfera policial/judicial relatos de que ladrões e contraventores “levam” ou “se apossam” de algo que não lhes pertence, no sentido de roubar. Com base na alta recorrência de uso desse processo em relatos de roubo, nessa esfera, de maneira irônica, Graciliano utiliza esse processo “levar”, tendo por atores sociais os próprios

agentes da lei e da ordem. O mais provável em relatórios administrativos seria utilizar diferentes processos materiais, como: *gastar*, *investir*, *pagar*. Esses processos refletem verbos do âmbito do fazer na esfera administrativa por parte do Ator (no caso em questão, o próprio prefeito, autor do relatório).

Observamos que o autor/escritor parece brincar com as escolhas linguísticas, utilizando o processo “levar”, de alta incidência no campo semântico da esfera policial/judicial, presente na oração. **Levar**, na área policial, pode representar a ideia de um crime, como roubar ou furtar. Ao empregar esse processo, Ramos atenua essa ideia, ainda que remeta a esse campo semântico, mas o faz dado o contexto onde se associa a ação do processo aos funcionários da área policial/judicial. Assim, ao mesmo tempo em que se estabelece essa “brincadeira”, isso pode soar como uma crítica ao montante gasto, talvez julgado desnecessário, o que é plausível, levando em conta tratar-se de uma pequena cidade do agreste nordestino, no início do século XX.

Vejamos a situação a seguir:

(07) Houve lamúrias e reclamações por se haver mexido no cisco preciosamente guardado nos fundos dos quintais, lamúrias, reclamações e ameaças porque **mandei** matar algumas centenas de cães vagabundos: lamúrias, reclamações, ameaças, guinchos, berros e coices dos fazendeiros que viram bichos nas praças (p. 41).

Nesse excerto, temos o processo **mandar**, em destaque, revelando uma nuance peculiar do autor. Trata-se de um processo verbal, cujo ator é o próprio prefeito, seguido de uma oração projetada *matar algumas centenas de cães vagabundos*. O que chama a atenção nesse processo é o poder de desfocalização da ação, tendo em vista o resultado dela. Graciliano Ramos poderia ter utilizado um processo em primeira pessoa, como vinha fazendo ao longo do relatório, cuja ação imediata remetesse ao sentido da oração projetada. No entanto, notamos a escolha por um processo que tira de foco imediato o agente do processo material “matar” (ainda que ele tenha mandado). Observadas as escolhas linguísticas do falante/escritor, percebemos o efeito de suavização da ação realizada, o que é pertinente, dada a insatisfação popular acarretada por essa atitude do prefeito, conforme ele próprio expõe no texto.

O segundo relatório (1930)

O segundo relatório segue a mesma proposta do primeiro, porém com traços de um prefeito mais conhecedor da sua própria condição e dos problemas enfrentados. Essas questões, entremeando a prestação de contas propriamente dita, são apontadas ao longo do texto. Vejamos o excerto abaixo.

(08) GRATIFICAÇÕES – 1:560\$000

Estão reduzidas (p. 52).

A seção intitulada “Gratificações” traz logo na sequência um montante resultado do título da seção. Logo abaixo, esperamos informações detalhadas que revelem esses valores ligados ao tópico da seção. Na verdade, o que encontramos é um dizer curto, constituído de um processo relacional **estar** utilizado para “estabelecer uma relação entre duas entidades diferentes” (Fuzer; Cabral, 2014, p. 64). Nesse caso, temos o Portador *gratificações* e o Atributo *reduzidas*. O texto da seção resume-se a essas escolhas lexicais, o que a diferencia, em termos de extensão, das demais seções. Essa forma direta/sintética e a escolha do processo relacional podem revelar como significado a intenção do autor de chamar a atenção para aquilo que é atribuído como valoração das gratificações, reforçada pelas cifras apresentadas. Como se trata de um contexto sócio-histórico distinto do atual e de um valor de moeda também diferente, podemos entender que essa quantia pode representar algo positivo ou negativo, a depender do que representam essas gratificações.

Tomemos o trecho a seguir:

(09) Aquilo, que era uma fuma lóbrega, tem agora, terminado o aterro, um declive suave. Fiz uma galeria para o escoamento das águas. O pântano que ali havia, cheio de lixo, excelente para a cultura de mosquitos, desapareceu (p. 55).

O autor do relatório faz a descrição de uma obra pública realizada – um aterro –, salientando a problemática que era o local antes de tal obra. Ao final da sequência, é utilizado o processo existencial **desaparecer** e como existente, *o pântano*. Observamos que não percebemos explicitamente um agente que realiza esse benefício à população palmeirense, mas, ao levarmos em consideração o todo descrito, percebemos que esse “desaparecimento” é consequência das ações realizadas pelo prefeito, particularmente, as ligadas ao aterro. Desse modo, o uso do processo em destaque minimiza a ação do resultado, destacando por meio de outros processos a atitude do mandatário daquela cidade.

Analisemos o segmento abaixo:

(10) Encontrei em decadência regiões outrora prósperas; terras aráveis entregues a animais, que nelas viviam quase em estado selvagem. A população minguada, ou emigrava para o sul do País ou se fixava nos municípios vizinhos, nos povoados que nasciam perto das fronteiras e que eram para nós umas sanguessugas. Vegetavam em lastimável abandono alguns agregados humanos (p. 55).

Temos nesse excerto o processo comportamental **vegetar**, *alguns agregados humanos* como Comportante da oração e *em lastimável abandono* é a circunstância de modo. Notamos que, após relatar toda a situação precária de vida da população de determinadas regiões, o escritor fecha a sequência do período com o uso desse processo em destaque, não só descrevendo a situação, como julgando o modo como aquele povo vivia. O uso desse processo destaca a força do significado ali presente, pois transfere, semanticamente, a seres humanos, propriedades de uma planta, que (sobre)vive às condições que lhe são impostas, alheias à sua própria vontade, de acordo com as condições ofertadas. Nesse sentido, temos uma crítica à situação, graças ao uso desse processo e à expressividade contida na oração.

Por fim, analisemos o fragmento seguinte, retirado da parte final do segundo relatório, quando o prefeito Graciliano Ramos se propõe a falar de futuros projetos.

(11) Mas para que **semear** promessas que não sei se darão frutos? Relatarei com pormenores os planos a que me referi quando eles estiverem executados, se isto acontecer (p. 59).

Temos, nesse trecho, o processo material **semear**, utilizado metaforicamente, além da Meta *promessas*. Em primeira análise, não está explicitado o Ator do processo material, mas, dadas as condições do dizer, é possível recuperar no texto que se trata do próprio prefeito, escritor do relatório. Observamos que Graciliano Ramos poderia ter feito a opção por outro processo mais objetivo, com linguagem denotativa, como, por exemplo, *fazer*. Todavia, a escolha pelo processo material em destaque implica duas questões: a) atrai a atenção para a Meta *promessa* (o que não ocorreria caso usasse o processo *prometer*); b) esse processo analisado carrega o valor semântico de algo que gera um desdobramento – o caso da germinação, o surgimento de frutos etc. Metaforicamente, como o prefeito não quer se comprometer com as consequências das promessas (visto que elas podem não se concretizar), esse processo dá o tom de probabilidade, por isso o uso dele em uma oração interrogativa, o que demanda um posicionamento do ouvinte/leitor e um não comprometimento do falante/escritor.

Considerações finais

Ao tomarmos os relatórios administrativos do prefeito Graciliano Ramos, partimos do pressuposto de que ali encontraríamos um modo de dizer, de elaborar o texto, que revelasse um propósito para além do objetivo do gênero em questão. A bem da verdade, outros estudos já discutiram essa questão nos relatórios, como o de Araújo (2017), embora por um viés teórico-analítico diferente do aqui proposto. Em decorrência do presente estudo, pudemos mostrar que esses textos do autor alagoano continham peculiaridades merecedoras de uma reflexão linguística,

visto tratar-se de um modo de escrita que o aproxima da escrita literária, não sendo, portanto, o esperado no gênero relatório.

Após refletir sobre o emprego de alguns processos utilizados nos dois relatórios, pudemos chegar à conclusão de que o autor de *Caetés* utiliza, de forma produtiva, esses processos com pelo menos dois propósitos. Num primeiro momento, que acontece muito no início do primeiro relatório, temos a utilização de processos específicos visando se resguardar de críticas quanto à sua gestão. O prefeito vai, a partir de escolhas pontuais dos processos, construindo um texto que expõe sua prestação de contas, mas que, ao mesmo tempo, realiza a preservação de sua face e/ou a atenuação de ações comprometedoras.

Num segundo momento, podemos perceber que as escolhas dos processos foram estratégicas dentro de um jogo discursivo que vai se tecendo ao longo dos dois relatórios. Inconformado com as dificuldades no percurso administrativo, Ramos critica integrantes da sociedade palmeirense, vícios anteriores no uso da máquina administrativa e apresenta insatisfações outras inerentes às obrigações da investidura governamental. Desse modo, o relatório não só se apresenta como uma prestação de contas ao governo do estado, como também como uma forma de denúncia carregada de crítica, graças à experiência de Graciliano Ramos frente à prefeitura de Palmeira dos Índios.

Por fim, acreditamos que um levantamento mais acurado dos processos e uma sistematização diversa de seus usos poderão revelar significados representativos da escrita do prefeito, antecipando, ali, o “nascimento” do escritor e a vertente consciente da sua escrita.

Referências

ARAÚJO, Everaldo Lima de. Ethos literário nos relatórios administrativos do prefeito Graciliano Ramos. In: *Anais do 7º Seminário Internacional de Linguística (Sil) e outros*. São Paulo, SP, 2017. p. 671-685.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 261-306.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 127-153.

FALLEIROS, Marcos Falchero. Os relatórios de Graciliano Ramos. In: *XI Congresso Internacional da ABRALIC - Tessituras, Interações, Convergências*. São Paulo, 2008. Disponível em:

<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/081/MARCOS_FALLEIROS.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2018.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1992.

GOUVEIA, Carlos Alberto M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, 25(16), 2009, p. 13-47.

HALLIDAY, Michael. *Language as a social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. Londres: Edward Arnold, 1978.

_____. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. Londres: Arnold, 1994.

_____; Matthiessen, Christian Matthias Ingemar Martin. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. Londres: Arnold, 2004.

LENHARDT, Jordana. *Quando o crime está no uso da língua*. São Paulo: Pontes Editores, 2022.

MALINOWSKI, Bronislaw. Div. I – Language as tool, document and cultural reality. In: *Coral ardens and their magic: a study of the methods of tilling the soil and of agricultural rites in the Trobriand islands*. Vol II. (p. 4-11). London: George Allen & Unwin Ltd., 1966 [1935].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Martins, Dileta.; Zilberknop, Lúbia. *Português instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT*. 25. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. Organização de Mário Hélio Gomes de Lima. Rio de Janeiro: Record; Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1994.

_____. *Relatórios do prefeito de Palmeira dos Índios*. São Paulo: Duetto Editorial, s/d.